

PALAVRA MORDIDA

Foi um amigo que me contou. E, quando um amigo conta um caso, a maior sinceridade nossa é acreditar. Ele tinha uma velha amiga doceira, era imbatível nos fios de ovos, nas bombas de chocolate e o seu arroz doce era digno dos anjos. Aliás, ela era muito religiosa e improvisava orações enquanto inventava confeitos cada vez mais impossíveis. O segredo do arroz doce era cozinhar os grãos só no leite e deixá-los de um dia para o outro de molho no leite de coco, ao som da Ave-Maria de Gounaud. O meu amigo e a dona Maria conversavam muito: sobre o trânsito de São Paulo, o MST, ultimamente sobre o choque entre palestinos e judeus. Qualquer assunto terminava sempre com uma indagação metafísica: “Mas o que é que nós estamos fazendo aqui nessa Terra de loucos?” Pois ela morreu na semana passada de parada cardíaca, quando terminava de confeitir um bolo de nozes que estranhamente apareceu mordido numa das bordas de glacê. Morreu com 83 anos sem deixar herdeiros, tranqüila como uma bolha de claras em neve que estoura silenciosa e repentinamente. Porém antes já havia cuidado do testamento e coube a cada um dos muitos amigos uma pequena parte do seu reino de açúcar e orações. O meu amigo recebeu um livro de receitas escrito e publicado por ela mesma, com alguns doces difíceis de acreditar. Mas o que o deixou verdadeiramente intrigado, a ponto de me telefonar pedindo ajuda, foi uma folha de papel Bíblia dobrada, bastante envelhecida e amarelada, quase em decomposição, com uma nova versão dos dez mandamentos que caiu do livro. Não descobrimos se foi ela quem escreveu, entretanto, depois de tantas alquimias no reduto limitado de uma cozinha, não é nada impossível. Não é mesmo, até porque, entre a hipótese de um confeito e a certeza do açúcar, há pecados inadiáveis, alguns muito urgentes, outros apenas necessários, palavras meio açucaradas que se misturam com a delícia de um rancor. Ninguém pensa muito nisso, mas é na cozinha e no intervalo do que é substância doce e uma minúscula pitada de sal que se pode calar um som antigo sem apagá-lo totalmente, inaugurar uma letra inicial que transcende a margem da página como a bolha fervente que estoura, o calor cremoso ou

impalpavelmente quente que se dilata e escorre para fora da panela, o recheio quase íntimo de um bolo que grita silenciosamente o seu sabor. O esquecimento da cozinha é um destino — lugar de ajustes, tentativas, revelações. E depois não é novidade nenhuma que, entre tantos acordos do acaso, a culinária e as palavras passem a vida assim tão dadivosas, tão provedoras, tão irmãs, as duas comungando eternamente esse inevitável gesto da natureza humana que é o exercício das porções.

Dez mandamentos para os dias de hoje

1. Não amarás o próximo como a ti mesmo, porque o amor não tem limites, nem extremidades, muito menos conformação, mas farás da tua simples natureza amorosa uma enseada que salva.
2. Lembra-te dos sábados e dos domingos e das segundas-feiras e de todos os instantes em que provisoriamente a palavra verdade se fizer necessária, seja ela o gesto da solidariedade ou a solidão da tua voz na condenação do desamor.
3. Goza o teu corpo como um sacrário, mas admite as orgias do templo em altares mínimos ou na tua porosidade menor.
4. Honra o teu pai e também a tua mãe e com igual fervor o teu amigo, sem jamais desonrar a flor e o velho e a criança que existem dentro do medo e todo e qualquer desvalido que é tua luta mais primária no mais próximo território teu.
5. Não matarás ninguém em nenhum a circunstância, nem mesmo a sede de quem morre por aventura, pois matar ainda que seja a matéria morta é teu pecado maior.
6. Não cometerás adultério nunca, mas fará sexo sim com amor e disciplina amorosa, desvelando a cópula seja ela com quem for.

7 Não darás falso testemunho nem mesmo contra o teu pior inimigo, mas pintarás aquarelas, farás versos, erguerás monumentos, inventarás ficções e dirás as mentiras mais impossíveis para tornar justo, humano e real o que pelas leis do céu e sobretudo da terra deve ser justo, humano e real.

8. Fuma, fuma, fuma, porque “fumar é um prazer e faz sonhar” e, com a mesma avidez com que tragas, abre mil e um processos contra os malefícios do fumo e os impérios de fumaça, nicotina e alcatrão.

9. Não cobiçarás o que imaginas ser a tua casa — ela é tua, e igualmente saberás que na Terra há terra o bastante para todos lavrarem seu melhor país.

10. E, se sabes tão bem que o Senhor mal escuta os pequenos sortilégios da alma, é claro que não pronunciarás o seu nome em vão, mas gritarás por Deus nos vazios, nas ausências, nas faltas e em toda a situação de penúria, sobretudo quando a fome vier da boca e a censura aprisionar o coração.

Jorge Marinho